

SUMÁRIO

1 - HERMENÊUTICA - INTERPRETAÇÃO DA BIBLIA	2
1.1. CONCEITO	2
1.2. EXEGESE RABÍNICA	2
1.3. EXEGESE PROTESTANTE	2
1.4. EXEGESE CATÓLICA	3
1.5. ALÉM DA EXEGESE	3
1.6. AS FERRAMENTAS NECESSÁRIAS AO EXEGETA	4
1.7. COMO FAZER EXEGESE	5
1.8. O PROCEDIMENTO EXEGÉTICO	6
2 - INTRODUÇÃO À EXEGESE DO ANTIGO TESTAMENTO	6
3 - RECUSOS EXEGÉTICOS	7
3.1. DIFICULDADES NA COMPREENSÃO	7
3.2. ETIMOLOGIA	8
3.3. RAMOS DA EXEGESE	8
3.4. A TAREFA DO EXEGETA	8
4 - PASSO A PASSO NA EXEGESE	9
5 - QUALIDADES DO EXEGETA	11
5.1. ERROS A SEREM EVITADO NA EXEGESE	11
6 - ESCRITURA E RELEITURA	12
6.1. TIPOS DE LEITOR	12
7 - PROBLEMAS TEXTUAIS	13
7.1. VARIANTES NOS MANUSCRITOS	13
7.2. VARIANTES NÃO INTENCIONAIS	13
7.3. VARIANTES INTENCIONAIS	15
8 - PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO	16
8.1. SENTIDO DAS PALAVRAS	16
8.2. DIFICULDADES	16
8.3. O SENTIDO DA IDÉIA DO ESCRITOR	17
8.4. O PROPÓSITO OU INTENÇÃO DO AUTOR	17
8.5. O ESTILO LITERÁRIO DO TEXTO	18
9 - O CONHECIMENTO DO CONTEXTO	19
10 - PARALELISMOS BÍBLICO	20
11 - ELABORAÇÃO DA EXEGESE	21
12 - CONCLUSÃO	23

1 - HERMENÊUTICA - INTERPRETAÇÃO DA BIBLIA

1.1. Conceito

A palavra 'hermenêutica' vem do verbo 'hermenêuein' (interpretar). E esta interpretação foi entendida diversamente através dos tempos. Por isso, temos três tipos de exegese: 1. Rabínica; 2. Protestante; 3. Católica.

1.2. Exegese Rabínica

Os Judeus interpretavam a escritura ao pé da letra, por causa da noção de inspiração que tinham. Se uma palavra não tinha sentido perceptível imediatamente, eles usavam artifícios intelectuais, para lhes dar um sentido, porque todas as palavras da Bíblia tinham que ter uma explicação. O exemplo do paralítico é antológico: ele passara 38 anos doente. Por que 38? Ora, 40 é um número perfeito, usado várias vezes na vida de Cristo (antes da ressurreição, no jejum) ou também no AT (deserto, Sinai). Dois é outro número perfeito, porque os mandamentos (vontade) de Deus se resumem em "2": amar Deus e ao próximo. Portanto, tirando um número perfeito de outro, isto é, tirando 2 de 40 deve dar um número imperfeito (38) que é número de doença...

Alegoria pura: neste sentido se entende a condenação de certas teorias que apareceram e eram contrárias à Bíblia (caso de Galileu). Assim era a exegese antiga. No século XVIII, o racionalismo fez o extremo oposto desta doutrina: negaram tudo que tinha alguma aspecto de sobrenatural e mistério, e procuravam explicações naturais para os fatos incompreensíveis, assim por exemplo, dizendo que Cristo hipnotizava os ouvintes e os iludia dizendo que era milagre. JC não ressuscitou, mas ele apenas havia desmaiado na cruz, e quando tornou a si saiu do sepulcro... Talvez não o fizessem por maldade. Era por princípio filosófico.

A Igreja primitiva herdou muito do rabinismo, no início, mas depois se libertou. Começaram por ver na Bíblia vários sentidos: literal, pleno e acomodático. Literal: sentido inerente às palavras, expressão pura e simples da idéia do autor; Pleno: fundado no literal, mas que tem um aprofundamento talvez nem previsto pelo autor. Deus pode ter colocado em certas palavras um significado mais profundo que o autor não percebeu, mas que depois se descobre. Deus, como autor, fez assim. A palavra do profeta se refere a uma situação histórica; a palavra de Deus se refere ao futuro. Acomodático: é a acomodação a um sentido à parte que combina com as palavras. É a Bíblia aplicada à realidade apenas pela coincidência dos textos.

Por exemplo, em Mateus se lê "do Egito chamei meu filho"... para que se cumprisse a Escritura. Mas o sentido, ou seja, a aplicação original deste trecho não se referia à volta da Sagrada Família, mas sim à saída do Povo do Egito. Esta acomodação foi explorada demasiadamente pelos pregadores, que até abusaram disto. Outro exemplo de acomodação é a aplicação a Maria dos textos do livro da Sabedoria. Estes são mais literatura que Escritura. Todavia, crendo-se na inspiração, aceita-se que as palavras do autor podem ter uma significação mais profunda que a original.

1.3. Exegese Protestante

Surgiu do protesto de alguns cristãos contra a autoridade da Igreja como intérprete fiel da Bíblia. Lutero instituiu o princípio da "scriptura sola" (traduzindo, a escritura sozinha), sem tradição, sem autoridade, sem outra prova que não a própria Bíblia. A partir daquele instante, os Protestantes se dedicaram a um estudo mais acentuado e profundo da Bíblia, antecipando-se mesmo aos católicos. Mas o princípio posto por Lutero contribuiu para um desastre hermenêutico, pois ele mesmo disse que cada um interpretasse a Bíblia como entendesse, isto é, como o Espírito Santo o iluminasse.

Isto fez surgir várias correntes de interpretação, que podem se resumir em duas: a conservadora e a racionalista. A conservadora parte daquele princípio da inspiração (ditado), em que se consideram até os pontos massoréticos como inspirados. Não se deve aplicar qualquer método científico para entender o que está escrito. É só ler e, do modo que Deus quiser, se compreende. A racionalista foi influenciada pelo iluminismo e começou a negar os milagres. Daí passou à negação de certos fatos, como os referentes a Abraão. Afirmam que as narrações descritas, como provam o vocabulário, os costumes, são coisas de uma época posterior, atribuído àquela por ignorância. Esta teoria teve muito sucesso e começaram a surgirem várias “vidas” de Jesus em que ele era apresentado como um pregador popular, frustrado, fracassado.

Outros ainda interpretavam o Cristianismo dentro da lógica hegeliana: São Paulo, entusiasmado, teria feito uma doutrina, que atribuiu a Jesus Cristo (tese); depois São João, com seu Evangelho constituiu a antítese; finalmente São Marcos fez a síntese. Hoje, porém, se sabe que Marcos é o mais antigo. Estes intérpretes se contradizem entre si, o que provocou certa desconfiança. Por fim, a própria arqueologia, em auxílio do Cristianismo, veio provar com a descoberta de vários documentos históricos que a Bíblia tinha razão: aqueles costumes, aquele vocabulário eram realmente daquela época, inclusive o uso dos nomes Abraão, Isaac também eram comuns no tempo. Isto e outras coisas serviram para desmentir tais idéias iluministas.

1.4. Exegese Católica

Inicialmente, apegou-se muito aos métodos tradicionais: usava mais a tradição e menos a Bíblia. Mesmo no século XIX, a tendência era ainda conservar a apologética, a defesa da fé. Foi o Padre Lagrange quem iniciou o movimento de restauração da exegese católica. Começou a comentar o AT com base na crítica histórica. Mas foi alvo tantos protestos que não teve coragem de continuar. Em seguida, comentou o NT, e ainda hoje é autoridade no assunto. A Igreja Católica custou muito a perceber o seu atraso no estudo bíblico, e até bem pouco tempo ainda afirmava ser Moisés o autor do Pentateuco, quando os protestantes há mais de um século já descobriram que não.

O primeiro passo da nova exegese da Igreja Católica foi dado por Pio XII, em 1943, com a encíclica DIVINO AFFLANTE SPIRITU, na qual aprovou a teoria dos vários gêneros literários da Bíblia. Depois, em 1964, Paulo VI aprovou um estudo de uma comissão bíblica a respeito da história das formas (formgeschichte). E hoje em dia, tanto os exegetas católicos como os protestantes são a favor desta, e qualquer livro sério sobre o assunto traz este aspecto. Protestantes citam católicos e vice versa, sem nenhuma restrição.

1.5. Além da Exegese

- É inútil esperar um delineamento da verdade inteira por mais exata e complexa que possa ser. Há coisas que Deus simplesmente não nos revelou - Dt. 29.29, nem por isso devemos diminuir a importância da pesquisa bíblica séria, mediante corretos métodos exegeticos.
- Deixe a Bíblia interpretar a própria Bíblia. Este princípio vem da Reforma Protestante. O sentido mais claro e mais fácil de uma passagem explica outra com sentido mais difícil e mais obscuro. Este princípio é uma ilação do anterior. Jamais esquecer a Regra Áurea da Interpretação, chamada por Orígenes de Analogia da Fé. O texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras e nunca através de textos isolados.
- Sempre ter em vista o contexto. Ler o que está antes e o que vem depois para concluir aquilo que o autor tinha em mente.
- Primeiro procura-se o sentido literal, a menos que as evidências demonstrem que este é figurado.

- Ler o texto em todas as traduções possíveis - antigas e modernas. Muitas vezes uma destas traduções nos traz luz sobre o que o autor queria dizer.
- Apenas um sentido deve ser procurado em cada texto.
- O trabalho de interpretação é científico, por isso deve ser feito com isenção de ânimo e desprendido de qualquer preconceito. (O que poderíamos chamar de "achismos").
- Fazer algumas perguntas relacionadas com a passagem para chegar a conclusões circunstanciais. Por exemplo:
 - o Quem escreveu?
 - o Qual o tempo e o lugar em que escreveu?
 - o Por que escreveu?
 - o A quem se dirigia o escritor?
 - o O que o autor queria dizer?
- Feita a exegese, se o resultado obtido contrariar os princípios fundamentais da Bíblia, ele deve ser colocado de lado e o trabalho exegético recommençado novamente.

1.6. As Ferramentas Necessárias ao Exegeta

Usar a Bíblia que contiver o texto mais fidedigno na língua original. (Os que não podem ler a Bíblia no original devem usar uma tradução fiel, tanto quanto possível).

Escolhido o texto é necessário saber exatamente o que ele diz. Para isso são necessárias suas espécies de ferramentas:

A. Dicionários. Para o Velho Testamento o melhor em inglês é Um Conciso Léxico Hebraico e Aramaico do Velho Testamento de William Holaday.

Para o Novo Testamento o melhor é: Léxico Grego-Inglês do Velho Testamento de Walter Bauer (Universidade de Chicago), traduzido e adaptado para o inglês por Arndt Gingrich.

Em português não há nem um dicionário para o grego bíblico. Para o grego clássico o melhor que temos é: Dicionário Grego-Português e Português-Grego de Isidro Pereira, Edição do Porto, Portugal.

B. Gramáticas. A melhor do hebraico é a de Gesenius.

Para o Novo Testamento as melhores gramáticas são as de Blass, Moulton e Robertson.

Depois de determinado o que o texto registra, é preciso ir além e investigar mais precisamente a significação teológica de certas palavras.

A melhor fonte para este estudo no grego é o Dicionário Teológico do Novo Testamento, editado por Kittel e Friedrich. São dez alentados volumes para o inglês.

Para o Velho testamento não existe trabalho idêntico.

Em português continuamos numa pobreza mais do que franciscana neste aspecto.

O próximo passo é uma pesquisa conscienciosa do contexto para que não haja afirmações que se oponham ao que o autor queria dizer ou distorções daquilo que ele disse.

Após esta pesquisa é necessário considerar cuidadosamente a teologia, o estilo, o propósito e o objetivo do autor. Para este mister as obras mais necessárias são: concordância, introduções e livros teológicos.

Em português temos a Concordância Bíblica, publicação da Sociedade Bíblica do Brasil, 1975.

Muito úteis para o exegeta são os estudos teológicos que tratam com o livro específico do qual estamos fazendo a exegese.

O próximo passo em exegese é a familiarização com o conhecimento geográfico, histórico, os hábitos e práticas podem iluminar nossa compreensão sobre o texto.

Para tal propósito são necessários Atlas, livros arqueológicos, histórias e dicionários bíblicos.

Dicionários da Bíblia são muito úteis para rápidas informações sobre um assunto, identificação de nomes de pessoas, lugares ou coisas. O melhor dicionário da Bíblia é: The Interpreter's Dictionary of the Bible, quatro volumes.

1.7. Como Fazer Exegese

Na atualidade a mídia, especialmente a TV e o rádio, tem sido usados como instrumentos para espalhar a palavra de Deus, mas ao mesmo tempo tem provocado na mente de muitos cristãos a "lerdeza do pensar".

Hoje existe o "evangelho solúvel", "evangelho do shopping center", "dos iluminados", etc. Mas pouco se estuda a fonte do evangelho do Nosso Senhor Jesus Cristo, isto é muito mais do que uma leitura diária e muitas vezes feita as pressas para cumprir um ritual.

A. Cinco Regras Concisas

1. Interpretar Lexicamente. É conhecer a etimologia das palavras, o desenvolvimento histórico de seu significado e o seu uso no documento sob consideração. Esta informação pode ser conseguida com a ajuda de bons dicionários. No uso dos dicionários, deve notar-se cuidadosamente o significado da palavra sob consideração nos diferentes períodos da língua grega e nos diferentes autores do período.
2. Interpretar Sintaticamente. O interprete deve conhecer os princípios gramaticais da língua na qual o documento está escrito, para primeiro, ser interpretado como foi escrito. A função das gramáticas não é determinar as leis da língua, mas expô-las. o que significa, que primeiro a linguagem se desenvolveu como um meio de expressar os pensamentos da humanidade e depois os gramáticos escreveram para expor as leis e princípios da língua com sua função de exprimir idéias. Para quem deseja aprofundar-se é preciso estudar a sintaxe da gramática grega, dando principal relevo aos casos gregos e ao sistema verbal a fim de poder entender a estruturação da língua grega. Isto vale para o hebraico do Antigo Testamento.
3. Interpretar Contextualmente. Deve ser mantido em mente a inclinação do pensamento de todo o documento. Então pode notar-se a "cor do pensamento", que cerca a passagem que está sendo estudada. A divisão em versículos e capítulos facilita a procura e a leitura, mas não deve ser utilizada como guia para delimitação do pensamento do autor.. Muito mal tem sido feita esta forma de divisão a uma honesta interpretação da Bíblia, pois dá a impressão de que cada versículo é uma entidade de pensamento separados dos versículos anteriores e posteriores.
4. Interpretar Historicamente. O interprete deve descobrir as circunstâncias para um determinado escrito vir à existência. É necessário conhecer as maneiras, costumes, e psicologia do povo no meio do qual o escrito é produzido. A psicologia de uma pessoa inclui suas idéias de cronologia,

seus métodos de registrar a história, seus usos de figura de linguagem e os tipos de literatura que usa para expressar seus pensamentos.

5. Interpretar de Acordo com a Analogia da Escritura. A Bíblia é sua própria intérprete. diz o princípio hermenêutico. A Bíblia deve ser usada como recurso para entender ela mesma. Uma interpretação bizarra que entra em choque com o ensino total da Bíblia está praticamente certa de estar no erro. Um conhecimento acurado do ponto de vista bíblico é a melhor ajuda.

1.8. O Procedimento Exegético

A. O Procedimento Errado. Ler o que muitos comentários dizem com sendo o significado da passagem e então aceitar a interpretação que mais agradece. Este procedimento é errado pelas seguintes razões:

- Encoraja o intérprete a procurar interpretação que favorece a sua pré-concepção e
- Forma o hábito de simplesmente tentar lembrar-se das interpretações oferecidas. Isto para o iniciante, freqüentemente resulta em confusão e ressentimento mental a respeito de toda a tarefa da exegese. Isto não é exegese, é outra forma de decoreba e é muito desinteressante. O péssimo resultado e mais sério do "procedimento errado" na exegese é que próprio intérprete não pensa por si mesmo.

B. O Procedimento Correto.

- O interprete deve perguntar primeiro o que o autor diz e depois o que significa a declaração.
- Consultar os dicionários para encontrar o significado das palavras desconhecidas ou que não são familiares. É preciso tomar muito cuidado para não escolher o significado que convém ao interprete apenas.
- Depois de usar bons dicionários, uma ou mais gramáticas devem ser consultadas para entender a construção gramatical. No verbo, a voz, o modo e o tempo devem ser observado por causa da contribuição à idéia total. O mesmo cuidado deve ser tomado com as outras classes gramaticais.
- Tendo as análises léxicas, morfológica e sintática sido feitas, é preciso partir para análises de contexto e história a fim de que se tenha uma boa compreensão do texto e de seu significado primeiro e, 2.5. Com os passos anteriores bem dados, o interprete tem condições de extrair a teologia do texto, bem como sua aplicação às necessidade pessoais dele, em primeiro lugar, e às dos ouvintes. Que o texto tem com a minha vida? Com os grandes desafios atuais?

2 - INTRODUÇÃO À EXEGESE DO ANTIGO TESTAMENTO

Para se fazer uma exegese do Antigo Testamento, é necessário, antes de tudo ter-se uma visão panorâmica da situação veterotestamentária, como, por exemplo, ter um conhecimento geral da história, cultura, religião, cronologia, idiomas originais, etc.

Quem empreende analisar o Antigo Testamento deve conhecer os gênios da língua hebraica, pois o idioma hebreu, embora, não tendo evoluído muito além da sua fase nascitura é muitíssimo diverso de qualquer idioma ocidental conhecido; muito rico em sua

polissemia, em sua linguagem figurada; em fim, uma riqueza vastíssima de estilos literários. Isso faz necessário ao estudante conhecer todo um contexto literário, histórico e etimológico.

Sem um conhecimento básico da estrutura linguística do Antigo Testamento, fica difícil ao pesquisador analisar satisfatoriamente o texto bíblico, logo, o não conhecimento das línguas originais constitui uma limitação ao mesmo. Uma forma prática, que não elimina, mas, diminui esta limitação é fazer uso das diversas versões existentes no idioma do pesquisador e se o mesmo tiver acesso a outras línguas deve valer-se deste conhecimento consultando o máximo possível de versões. Outro instrumento que pode tirar mais um pouco da limitação é a consulta aos dicionários etimológicos comentários exegeticos e outros compêndios que possam elucidar dúvidas.

A exegese é um método de leitura do texto; como a hermenêutica, ciência sua correlata. O exegeta, com frequência haverá de valer-se da hermenêutica para processar a sua análise textual.

Fazer exegese é ler o texto de modo científico, para do mesmo extrair as verdades nele implícitas. Geralmente, uma visão meramente devocional e superficilista não abrange a totalidade do ensino que o autor quis exprimir. O exegeta visa, então, encontrar "o tesouro escondido". Aquela verdade que não está patente, mas, latente no texto e, que o leigo não pode perceber por lhe faltar o conhecimento técnico apropriado para tal. O leitor avisado da Escritura é aquele que a lê devocionalmente, mas, também, cientificamente.

É nosso intuito, antes de passar à exegese propriamente dita, dar uma introdução exegetica; algumas luzes através das quais haverá de guiar-se o leitor científico das Escrituras.

Com essa introdução à exegese, passaremos, então, ao conhecimento de algumas regras fundamentais.

3 - RECUSOS EXEGÉTICOS

3.1. Dificuldades na Compreensão

As dificuldades encontradas na compreensão de um texto podem ser de natureza realmente objetiva, proveniente da sua própria estrutura redacional, por causa de uma questão sintática ou léxica:

- Em se tratando de sintaxe, as dificuldades muitas vezes vêm a existir em virtude do tipo de concordância, ou pela forma de regência, ou ainda pela ordem de colocação de uma palavra ou expressão.
- Já em caso de questões léxicas muitas dificuldades poderão surgir das palavras de uma frase, ou mesmo das letras de uma palavra. Encontrar a melhor tradução para um vocábulo ou expressões fundidas numa frase ou período lógico é um trabalho meticuloso a ser feito pelo exegeta.
- Em razão de fatores como estes, ou ainda outros, existem textos que são obscuros, complicados e difíceis, e que só podem ser entendidos com algum, ou muito trabalho.
- Para esclarecer passagens obscuras e apontar o sentido ou significado de textos difíceis, é que tem valor o recurso chamado Exegese. O exegeta precisa usar a analogia bíblica como ferramenta para compreender as Escrituras, valendo-se da máxima reformada de Escrituras com as Escrituras se interpreta.
- Pelo que se refere ao seu lugar entre os tratados teológicos, a exegese ocupa o primeiro lugar. Esta primazia da exegese, na enciclopédia teológica, não é sem motivo, pois em se tratando propriamente de teologia e não de teodicéia, a exegese representa o alicerce da teologia bíblica, enquanto esta,

por sua vez proporciona o fundamento da teologia doutrinal, ou sistemática. Certos e determinados dogmas existem que podem ser derrubados ou confirmados em face de uma boa investigação exegetica.

3.2. Etimologia

A palavra exegese vem do Grego exégesis, de ek + agéomai. ek - (fora) agéomai (conduzir); conduzir fora, fazer aparecer. A exegese é o trabalho pelo qual o exegeta faz aparecer o sentido de um texto. Exegese, portanto, é um trabalho sobre textos; mas, nem todo trabalho sobre textos constitui exegese.

3.3. Ramos da Exegese

A Exegese pode ser jurídica, quando interpreta as leis; pode ser literária, quando usada na interpretação de uma obra literária profana; pode ser sociológica, quando interpreta o fenômeno social e sagrada ou bíblica, quando usada na interpretação da Escritura.

3.4. A Tarefa do Exegeta

É, pois, tarefa do exegeta lançar mão de todos os recursos da exegese para investigar de forma, científica e minuciosa o texto das Sagradas Escrituras para daí tirar a genuína verdade, o "genuíno leite espiritual" (IPd 2.2).

Qual é, pois, o caráter distintivo da exegese?

- De acordo com a definição etimológica supramencionada, entende-se que a exegese consiste num comentário, ou numa explicação para esclarecer textos ou passagens obscuras dos escritos antigos.
- Devemos observar a diferença entre o sermão e a exegese; entre a homilética e a prática exegetica. O sermão é a elocução, a pregação ou kérigma, ao passo, que a exegese deve ser a base ou alicerce dessa pregação. É na exegese que o elocutor vai encontrar o subsídio para sua prédica.
- A exegese se torna necessária, principalmente, quando se trata de texto obscuro ou de difícil entendimento. O pregador deve pregar, também sobre esses textos. Isso não quer dizer que é impossível ou desnecessário fazer exegese de textos de fácil compreensão, visto que exegese revela certas nuances do texto que uma leitura comum não podem revelar.

A. A Eisegese. O que vem, pois, a ser uma eisegese? Este seria o termo contrário, totalmente antagônico à exegese. Se na exegese o analista deriva do texto as suas verdades mais implícitas, na eisegese introduz no texto pensamentos que o texto não contém. A eisegese é completamente indesejável ao honesto estudioso da Bíblia Sagrada. Tal princípio é utilizado pelo teólogo liberal partindo do ponto de vista de que a interpretação da Bíblia deve partir da necessidade do povo e das aplicações laicas. O teólogo reformado interpreta Bíblia olhando para a Bíblia, o intérprete liberal parte das aspirações e necessidades humanas. Uma interpretação que não parta da própria Escritura, torna-se um fim em si mesma.

B. Relação da Exegese com Outras Ciências. Todo exegeta haverá de buscar subsídio em muitas outras ciências, tendo como propósito elucidar os problemas de textos em questão. Tais ciências lhe fornecerão luzes importantes à interpretação textual. Apenas, relacionaremos algumas ciências que poderão ser úteis na feitura exegetica:

- Hermenêutica: A Hermenêutica é a mãe, por excelência da Exegese, pois, ela a torna necessária, não há exegese se não houver aspiração

hermenêutica. O produto final da exegese é o que se denomina, hermenêutica propriamente dita. Ela tem sido definida como: Ciência ou Teoria da Interpretação. Ela nos conduzirá à interpretação correta dos tipos, figuras, símbolos, bem como das situações sociais, culturais, religiosas, políticas, etc. dos tempos bíblicos. A Exegese é a ferramenta, a Hermenêutica é a prática, ou seja, a Hermenêutica é o produto da ação do ferramenta exegético sobre o texto. Todo hermeneuta deve partir da exegese bíblica para chegar à compreensão do texto.

- Gramática: O pensamento do texto é expresso por palavras, daí a sua relação com a gramática. Deve o intérprete das Escrituras conhecer as gramáticas das línguas originais e, deve ter também certo domínio da vernáculo.
- Lógica: A lógica é a ciência do correto pensar. O exegeta precisa ter pensamentos bem ordenados e lógicos. A Bíblia apresenta a lógica de Deus para o homem, nela nada em sem propósito, tudo tem um sentido real e lógico, mesmo quando revestido de um tom espiritual ou, mesmo, miraculoso.
- Geografia Bíblica: É a geografia que estuda a topografia da Palestina e de todo o mundo bíblico; cidades, habitantes, planícies, montanhas, rios mares e desertos e regiões em redor, bem como, a sua numismática, produtos agrícolas, minerais, etc. É necessário este conhecimento para se interpretar bem certos textos.
- História: Conhecer as relações entre o povo escolhido e as nações vizinhas, especialmente as grandes monarquias como: Egito, Assíria, Caldéia, Babilônia, Média, Pérsia, Grécia, Macedônia e Roma. É necessário, especialmente, conhecer a história e cultura dos hebreus, como por exemplo: seus usos e costumes, suas instituições civis, seus ritos e cerimônias religiosas, etc.
- Cronologia: A cronologia bíblica abrange questões difíceis e complicadas. Seu conhecimento é necessário para uma boa interpretação.
- Línguas originais: É necessário conhecimento das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), para uma correta exegese. Um domínio fundamental seria a capacidade ler e um conhecimento geral das gramáticas; levando-se em conta o uso de ferramentas voltadas para o uso acadêmico da Bíblia, como as Bíblia on-line, como, por exemplo, a Bible Workes, Logos Bible, Sword de Lord, Davar, etc.
- Arqueologia: A arqueologia bíblica é importantíssima, principalmente, a partir do século XVIII, quando descobertas importantes no campo da arqueologia vêm incidir luz sobre o texto bíblico, principalmente, sobre o texto veterotestamentário, como por exemplo, os MM (Manuscritos do Mar Morto).

Enfim, não sobra tempo para referir todas as fontes da exegese bíblica. É então, importante ressaltar, que o exegeta deve, despojado de preconceitos e dogmas, olhar em todas as direções, e analisar o texto sobre todos os ângulos possíveis.

4 - PASSO A PASSO NA EXEGESE

- Escolha do Texto: Por uma questão óbvia, esse deve ser o primeiro passo, pois, a feitura exegética pressupõe a existência de um texto bíblico. É

possível se fazer exegese de qualquer texto, mas, a exegese pressupõe que o texto deva apresentar alguma dificuldade. Às vezes, esta dificuldade não é aparente na versão, mas, no texto original sim.

- **Delimitação da Pericope:** A delimitação da pericope mediante o estabelecimento do contexto próximo anterior e próximo posterior, isolando-se assim a pericope completa a ser estudada. Deve-se observar o conteúdo do texto, verificando-se: o início e fim do assunto tratado na pericope.
- **Contexto Vital:** Ou como nomeamos o levantamento da situação textual, seu pano de fundo histórico, político, social e religioso.
- **Autoria:** É preciso apresentar o autor e todas as nuances possíveis que envolvam a sua personagem. Aspectos, idade, situação cível, moral, religiosa, formação cultural, etc.
- **Datação:** Diz respeito à época, não basta dizer o ano, mas todas as circunstâncias que envolviam o profeta no seu contexto.
- **Destinatários:** É importante estabelecer os destinatários do escrito alvo. Não basta apenas dizer a quem, mas, descrever o indivíduo ou indivíduos ou povo a quem se dirige.
- **Razão ou motivo:** É preciso levantar o motivo ou motivos que levaram o autor a escrever. Tais motivos podem possuir várias nuances, como: do ponto de vista do destinatário, do ponto de vista da situação circundante, do ponto de vista do próprio autor.
- **Métrica do texto:** Em caso de textos poéticos, onde o texto em língua original não apresenta uma métrica, é interessante se fazer a metrificacão do texto em análise. Isso, além de melhorar a visão do exegeta sobre o texto, dá elegância e estilo ao trabalho.
- **Análise morfológica do texto:** A análise gramatical é muito importante, é preciso observar a força de cada palavra do texto, aí entram os conhecimentos gramaticais das línguas hebraica e grega para uma boa análise do texto.
- **Tradução do texto:** O exegeta deve traduzir o texto diretamente do texto em língua original, para evitar os erros das versões – TRADUTORE TRAITORE (O tradutor é traído – Lutero).
- **Análise lexicográfica do texto:** É preciso observar os diversos usos dos termos (polissemia) bem como a sua semiologia (estudo dos radicais ou símbolos de uma palavra). Nesse momento busca-se a melhor tradução dos termos em seu contexto.
- **Análise da estrutura literária do texto:** Essa é a análise que nos permite conhecer toda a estrutura do texto, seja, lingüística, histórica, estilística, social, política, teológica e analógica. É também uma maneira de separar, estruturalmente o texto, destacando os aspectos particulares do texto. Nessa análise, é possível: determinar a estrutura do texto, observando, seu estilo literário, e conhecer, por exemplo: seus paralelismos: históricos, sínteses, antíteses, sinonímias, figuras de linguagem, etc.
- **Esboço do texto:** É no esboço que o exegeta vai traçar as lições do texto, derivando do texto o seu ensino central e periférico. Seria levantar os pensamentos latentes no texto. Esse deve ser o tom sermônico tocando a exegese, visto e fim da exegese é o kérigma.

- Comentário do texto: O comentário já é a exegese em sua forma final, ou seja, a exegese propriamente dita. O exegeta deve tecer os seguintes comentários sobre texto:
 - Filológico - Dá o sentido de cada palavra do texto para isso é necessário o estudo da sintaxe.
 - Hermenêutico: Procura interpretar o texto dentro do seu contexto político, social, histórico, literário, etc. A hermenêutica busca o verdadeiro sentido do texto.
 - Teológico - Dá interpretação ou sentido teológico-doutrinário do texto.
 - Prático - Dá as lições de ordem prática do texto. Seria a contextualização da mensagem. A exegese é no aspecto prático: "Trazer o lá e o então para o aqui e agora".

5 - QUALIDADES DO EXEGETA

- Fidelidade ao texto: O exegeta deve determinar e desenvolver o verdadeiro sentido do texto, sem acrescentar ou tirar coisa alguma. Não pode harmonizar o texto com o seu pensamento, mas, deve submeter-se ao texto para dele extrair as mesmas idéias que o escritor quis exprimir.
- Imaginação: Nos textos descritivos e históricos o exegeta deve procurar mentalizar um quadro vivo das cenas descritas. Em textos poéticos deve imaginar as circunstâncias emocionais do autor, etc.
- Bom senso: Esta qualidade vem completar a anterior. "O Bom senso é chumbo nas asas da imaginação". A exegese deve ser a expressão da realidade não especulação alegórica, imaginativa ou fantasiosa.
- Amor a Verdade: O Exegeta deve aproximar-se do texto sem pensamentos preconcebido. Não deve ser iludido por seus preconceitos, dogmas, paradigmas ou relações partidárias. "Sua mente deve ser uma tabula rasa" (Luck). Nossa finalidade é buscar a Verdade. Deus não terá por inocente o que altera a Verdade com seus preconceitos. Temos que ver o que a Palavra diz, não o que queria dizer. "Por que se o escritor disse o que não queria dizer, por que não disse o que queria dizer?"
- Simpatia Para com a Verdade: É uma inclinação, uma tendência para com a Verdade. Não apenas uma curiosidade intelectual, mas uma atitude moral. É uma procura da Verdade para uso na vida pessoal. Quando achamos a Verdade, mas não a aceitamos, não temos simpatia para com ela. Deve haver harmonia entre o nosso espírito e a Verdade Revelada. Uma mente arejada está pronta a aceitar as mudanças que a Verdade impõe sem apelação.
- Espiritualidade - Lutero dizia "Só entende as éclogas de Virgílio quem já viveu como pastor".³ Do mesmo modo só entende a Bíblia que tem espiritualidade. O primeiro interprete da Palavra de Deus foi o Diabo, mas, foi um mau intérprete. Por que? Porque ele não possuía espiritualidade, por isso, estava mal intencionado (Gn 3.4,5; Mt 4.1-11).

5.1. Erros a Serem Evitado na Exegese

A. O Dogmatismo. Tem por fim encerrar o pensamento acerca de um assunto ou doutrina. Ele faz a sua afirmação sem deixar espaço para outro pensamento. O Catolicismo Romano, bem como grande parte das denominações evangélicas põe seus dogmas acima da Verdade Escriturística.

B. O Ceticismo. Cega porque procura negar tudo aquilo que não for logicamente comprovado. A Bíblia não é um livro de lógica, história ou qualquer outra ciência, mas, “O Compêndio da fé”. A Teologia Contemporânea, o Racionalismo e o Modernismo Teológico tentam negar os milagres referidos na Escritura, por explicá-los de maneira científica ou colocá-los num contexto figurativo; assim, que Jó, Jonas, Daniel as pragas do Egito, a travessia do Mar Vermelho (Mar de Juncos) são apenas Poesia Pastoril (Segundo o Dicionário Michaelis: ficção da literatura religiosa); as muralhas de Jerico, “se é que elas existiram”, ruíram pelo fenômeno da “ressonância”. A multiplicação dos pães e dos peixes foi “aquiescência da matéria” ou um gesto solidário e, quanto a Lázaro, este sofria de catalepsia, etc.

C. Alegorismo. A interpretação alegórica da Escritura pode se verificar perigosa. A Bíblia contém alegorias, mas, lê-la sempre sob o prisma alegórico pode levar à má compreensão e até ao absurdo. Os primeiros pais pecaram por alegorizar em excesso. O alegorismo prejudicou a interpretação dos mestres do passado. Eles entediam que somente por meio da alegoria se poderia perceber o significado oculto do texto. A doutrina deste método foi fortemente rejeitada pelos reformadores.

D. Literalismo: O literalismo é extremamente perigoso, pois, há muitos textos cujo sentido é mesmo figurado, nesse caso, se faz necessário interpretar o tipo, símbolo ou figura. Os textos poéticos, por exemplo, contêm muita língua figurada uma interpretação literal plena se torna difícil.

Observação: Além de tomar cuidado com o alegorismo é preciso, também, precaver-se contra analogismos ou simbologismos. Entendemos que na Bíblia existem alegorias e símbolos e, que a analogia é um método válido de interpretação, contudo, é preciso saber dosar essas nuances, para não cair no exagero patrístico ou escolástico.

6 - ESCRITURA E RELEITURA

A compreensão de um texto depende da leitura que se faz do mesmo. O conhecimento do contexto é de vital importância para se conhecer a sua mensagem. A leitura de um texto pode ser prejudicada pela falta de atenção ou de conhecimento por parte do leitor.

O eunuco interpelado por Filipe, o Evangelista, no caminho que ia de Jerusalém a Gaza, vinha lendo o profeta Isaías, mas, não conhecia o contexto histórico, e nem os fatos atuais, com relação ao Messias Jesus, por isso, não podia fazer uma leitura ampla e contextual daquilo que estava lendo, por isso ele disse a Filipe: “Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta, fala de si mesmo ou de algum outro?” (Atos 8.34). A limitação do eunuco foi suprida pelo conhecimento de Filipe, que a partir da explicação desta passagem, relacionando-a com outros textos da TANAKH anunciou-lhe a Jesus. O que Filipe fez foi uma releitura do profeta Isaías sob a ótica do cristianismo recém-nascido.

Se observarmos com atenção, todo o N. Testamento é uma releitura do A. Testamento debaixo de uma visão cristológica. Todo escritor do N. Testamento relê os acontecimentos históricos, a poesia e a profecia do Antigo Testamento olhando para Jesus. É, portanto, uma leitura antítípica, ou seja, é a encarnação das figuras, tipos e símbolos antigos dos quais ele, Cristo, é o antítipo.

6.1. Tipos de Leitor

Jesus, à pergunta do doutor da lei: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Sobrepôs uma célebre e sábia pergunta: “O que está escrito na lei? Como o interpretas?”

Na verdade, o que se acha escrito pode não ser imediatamente percebido, ou então, entendido de maneira diferente, dependendo não só do tipo de leitor, como também do tipo de leitura interpretativa. Há pelo menos três maneiras diferentes de se ler um texto e, o modo como se lê o texto vai influenciar, e muito, na compreensão do mesmo. Podemos mencionar, ao menos, três tipos diferentes de leitor:

- Leitor aquém da letra: O leitor aquém da letra é aquele que não chega a compreender nem mesmo o que se acha na letra do texto¹⁰; isso pode ocorrer em face de uma leitura apressada, por falta de atenção naquilo que se lê, ou mesmo por uma limitação cultural.
- Leitor literalista: Esse é o leitor, que apesar de ter cultura suficiente para leitura do texto se atém apenas à letra, fazendo, portanto, uma interpretação literalista. Isso pode acontecer por ignorância do leitor, ou mesmo, porque tal leitura favoreça a sua preferência doutrinária ou teológico-interpretativa. Isso pode ocorrer com frequência, se o leitor lê sob a influência da dogmática doutrinária. Contudo, tal leitura não deve ser tomada como critério para julgar a validade da interpretação.
- Leitor além da letra: O leitor além da letra, ou mesmo do próprio texto, pode ser classificado em dois tipos:
 - O leitor bem intencionado - É o leitor que ultrapassa a letra do texto de modo legítimo e justo, no sentido de descobrir o seu verdadeiro ou real significado;
 - O leitor mal intencionado - Este é o leitor que vai além da letra no sentido tendencioso, de fazer o texto dizer aquilo que já preconcebeu em sua mente.

7 - PROBLEMAS TEXTUAIS

7.1. Variantes nos Manuscritos

O texto mesmo pode apresentar algumas dificuldades que aos olhos do leigo passarão despercebidas, mas, o leitor científico das Escrituras tem por obrigação conhecer tais problemas textuais, pois, visa extrair do texto a mensagem pura, livre de "erros" oriundos da ação humana sobre o texto autógrafa. Visto que não há como ter em mãos o texto autógrafa, mas, sim cópias de cópias do primeiro texto¹⁴. Queremos então apresentar algumas variantes que certamente agiram sobre o texto primeiro.

Conforme é bem sabido, não temos qualquer documento original de qualquer obra dos tempos antigos, e isso inclui os próprios documentos bíblicos. Portanto qualquer restauração do texto depende de cópias. Também é verdade que, embora haja cerca de 2500 manuscritos hebraicos e milhares de traduções em vários idiomas, não existem dois documentos que sejam iguais. Até mesmo quando um manuscrito era copiado de outro, surgiam diferenças entre os dois.

Um escriba cuidadoso produziria talvez 20 variantes por acidente, descuido, transposição de palavras, etc. Um escriba descuidado, facilmente produziria centenas de variantes.

Alguns escribas modificavam propositadamente passagens que se adaptassem às suas doutrinas preconcebidas, e muitos deles harmonizavam passagens.

7.2. Variantes Não Intencionais

- Erros mecânicos - equívocos de pena;
- Transposição - de letras ou palavras;
- Substituição - de signos similares ou de letras e palavras similares;
- Confusão - de letras e palavras, com outras de forma e sentido diverso;
- Omissão: pode ser simples ou, não intencional;

- Omissão por homeoteleuto: Saltar de uma palavra para outra, devido a termos semelhantes em ambos, com a omissão das palavras intermediárias¹⁵
- Omissão por homeoarcto: Saltar de uma palavra para outra devido a começos semelhantes, ou saltar de uma sentença ou parágrafo para outro, por causa de começos semelhantes em ambos, com omissão de palavras intermediárias¹⁶;
- Haplografia: Significa escrever uma vez o que deveria ter sido escrito duas vezes.
- Ditografia: Repetição errônea de uma palavra ou sentença, significa escrever duas vezes o que deveria ter sido escrito uma vez somente¹⁷.
- Interpolação: Adição de algo, talvez primeiramente à margem, talvez como comentário (aparato crítico), explicação ou harmonia com outra passagem, mas que subsequente, tornou-se parte do próprio texto; tal "comentário" é incluído no texto, e os demais escribas não mais o omitem;
- Inserção massorética: Ocasionalmente, a má colocação ou ausência de um sinal fazia diferença no sentido das palavras, às vezes os escribas se equivocavam criando variantes.
- Erros em manuscritos ditados: Alguns manuscritos eram ditados de um escriba para o outro, e o fato deste último não ouvir corretamente provocava muitas variantes no texto. Um bom exemplo disto são as partículas *alô* não e *Alô* Ihe, ou, "para ele". Ambas como se percebe, têm o mesmo som, *lô*, porém a primeira é a partícula negativa não a segunda pode ser traduzida pelo pronome Ihe.
- Erros devido à restauração: De certos manuscritos mutilados, que eram usados como exemplares na cópia, ou que eram simplesmente restaurados a fim de serem usados;
- Inclusão: Inclusões feitas ao texto por escribas, com o fito de explicar ou tornar o texto mais claro, essas inclusões na maioria eram no seu início um esforço hermenêutico do escriba, que fazia alguma nota fora do texto, depois, vindo outro escriba posterior, adicionava ao texto original o comentário anterior.
- Metátese: Diz respeito à mudança inadvertida da ordem correta das letras ou das palavras. Por exemplo, o rolo 1QIsa traz, no final de Isaías 32.19 esta frase, traduzida livremente: "seja o bosque inteiramente abatido", em vez da redação corrigida TM: "seja a cidade inteiramente abatida". O que ocorreu é que a palavra correspondente a "bosque" (*ya'ar*) é escrita com as mesmas consoantes do vocábulo equivalente "cidade" (*'iyar*). Visto que o verbo relacionado, (*tispar*), "seja nivelada inteiramente" está na forma feminina e *ya'ar*, é masculina, a palavra equivalente a "cidade", que é feminina, é a única opção de leitura possível. Mas, a confusão do escriba é compreensível, visto que a palavra *ya'ar* aparece na primeira parte deste versículo: "ainda que a saraiva faça cair o bosque".
- Fusão: Consiste na combinação da última letra de uma palavra com a primeira da palavra seguinte, ou a combinação de duas palavras distintas de forma que forme uma terceira palavra composta apareça. Exemplo possível desse tipo de erro encontra-se em Levítico 16.8. É a aparente referência a um misterioso "Azazel", entre as prescrições do Dia da Expição, o sumo sacerdote deveria lançar sorte sobre dois animais escolhidos para o sacrifício. Assim lemos: "Lançará sortes sobre os dois bodes: uma para o Senhor, e outra para bode emissário [*'aza'zel*]. O TM indica um nome próprio, que, à parte dessa menção, é inteiramente desconhecido, Azazel, que os rabinos da Idade Média explicavam ser designação de um demônio peludo do deserto. Então Arão estaria lançando sortes entre Javeh e um demônio (diabo). Ora não se faz inclusão do culto ou adoração de demônios em parte alguma da Torá, e não pode existir a mínima possibilidade de que tal culto surja aqui (e nos versos seguintes do mesmo capítulo). Baseado nesse erro massorético, e na explicação estapafúrdia dos Rabinos Medievais, pregadores contemporâneos têm pregado a herética doutrina da co-redenção (o Diabo é colocado ao lado de Deus como co-redentor de Israel e, como antítipo neotestamentário, como co-redentor da Igreja ao lado de Cristo); absurdo! A óbvia solução desse "enigma" encontra-se na

separação das duas partes da palavra 'aza'zel de modo que fiquem separados os vocábulos 'az, referente ao caprino e a'zel, referente à 'azl, o verbo; assim a melhor tradução é: "o bode da partida ou da emissão", "bode emissário" (ARA). Noutras palavras, o verso 10 deixa bem claro, que esse bode deveria ser conduzido para fora do arraial, ao deserto, para onde deverá encaminhar-se, e, de modo simbólico, levar embora os pecados de Israel. É inquestionável que os autores da Septuaginta (LXX) entenderam o versículo e o nome "Azazel" dessa forma ao apresentar a grafia -to apoponpaio ("para o que for enviado para longe"). De forma semelhante, a Vulgata traz capro emissario ("para o bode que deve ser despedido"). Assim ao separarmos duas palavras que foram indevidamente fundidas numa só pelo massoreta, passamos a ter um texto que faz sentido perfeito no contexto, sem fazer concessão a demônios, cujo exemplo não existe nas Escrituras. Noutras palavras, "bode emissário" é a verdadeira tradução empregada, em vez de "para Azazel", que seria uma transliteração do texto massorético.

- Fissão: Refere-se à divisão indevida de uma palavra em duas.

7.3. Variantes Intencionais

- Harmonia proposital: de uma passagem com outra partindo do paralelismo verbal ou histórico dos textos harmonizados.
- Melhoramentos gramaticais ou de estilo: Por exemplo, Marcos e Apocalipse que tinham um grego deficiente no original, teriam sido aprimorados por escribas eruditos.
- Variantes Litúrgicas: Para fazer uma passagem melhor adaptada ao uso litúrgico, alguns escribas faziam modificações.
- Variantes Suplementares ou Restaurativas: Alguns escribas se arrogavam o direito de adicionar narrativas ou comentários aos originais, a fim de darem melhores informações ou possíveis explicações. Ocasionalmente, tal adição, contém material histórico e geograficamente autêntico.
- Simplificação de frases difíceis: É a tentativa de melhor entendimento modificando os originais. Onde o texto é difícil de se entender pode se esperar simplificação e modificação.
- Adições: Eram feitas com o fim de injetar doutrinas em uma passagem onde elas não figuram no original. Também havia modificação para evitar alguma doutrina difícil.

Para não nos prolongarmos mais neste assunto, estas são apenas algumas considerações que podemos fazer sobre os erros ocorridos, em face da ação dos copistas sobre o texto.

A Crítica Textual tem por finalidade estudar este problema e estabelecer critérios científicos para comparação das diferenças surgidas entre as cópias do Antigo Testamento, visando estabelecer o texto mais próximo do autógrafo, o que seria um esforço para restaurar o sentido original dos termos, trabalho este que precisa ser feito com muito critério, cientificidade e honestidade.

Tais observações não têm por finalidade desacreditar o texto bíblico ou a inerrância da Escritura, outro sim, inerrância na aceção da palavra, só se pode atribuir ao texto autógrafo original (o texto composto pelo autor escriturístico). A crítica textual, antes, busca restaurar o texto a partir da crítica honesta, sem fechar os olhos às falhas humanas, visto que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas, escrita em palavras de homens. No escopo geral temos que asseverar sem preconceitos que ela é "a Palavra de Deus, única regra infalível de fé e prática", pois a mensagem, essa mesma que o exegeta busca conhecer em toda a sua profundidade, permanece intacta em sua essência, bem como, é possível se chegar à verdade, por meio dos manuscritos e das técnicas de restauração.

Vale ainda dizer, que tais observações são feitas tomando como ponto de partida o trabalho dos tradutores. Ao buscar os melhores manuscritos para construção de uma versão bíblica, os tradutores tendem a desprezar aqueles que revelam muitos erros de copistas, reservando os melhores manuscritos para feitura do texto vernacular.

IMPORTANTE!

A doutrina da Salvação está tão clara nas Escrituras, que até o homem mais iletrado pode compreendê-la. Jo. 3:16. Mas, o intérprete deve explicar também os textos que apresentam dificuldades, IITm 3:16.

A interpretação não pode ser unilateral, deve ser vista tanto do lado humano como divino.

- Do lado humano: Porque as Escrituras falam aos homens na linguagem deles, e de acordo com o seu pensamento. Se rejeitarmos o lado humano, a interpretação será visionária e imaginativa.

- Do lado divino: Porque ela é a revelação que Deus quis dar ao homem, portanto, ela difere de todos os demais escritos. Se rejeitarmos o lado divino da Escritura, faremos uma interpretação meramente crítica (o método histórico-crítico, embora não seja de todo rejeitável, tem se revelado um tanto perigoso em face do seu juízo histórico-científico da Bíblia), tendendo a destruindo o valor sobrenatural da Palavra de Deus.

8 - PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

8.1. Sentido das Palavras

A Bíblia fala a linguagem dos homens, segundo o modo humano de pensar e falar. Por isso o intérprete deve determinar o sentido das palavras. Ele procede então como na interpretação de outros escritos: Faz uso das fontes internas (Intrabíblicas) e, das fontes externas (Extrabíblicas); exemplo: No primeiro caso o estudo do texto, do pré-texto e do pós-texto nos levará a conhecer todo o contexto e o uso dos termos em outros lugares e passagens paralelas, etc. No segundo caso: Gramáticas, dicionários, léxicos, comentários, versões, intérpretes antigos, além de outras fontes, servirão para elucidar dúvidas e lançar luz sobre todo o contexto.

8.2. Dificuldades

Há diferença na aplicação de termos ou expressões: Nos diversos autores há diferenças entre termos e expressões; exemplo: “filhos de Deus” – Em Gênesis 6.2 são homens, mas, em Jó. 1.6 são anjos.

Às vezes o termo aparece uma única vez: Então o interprete terá que fazer uso do contexto e dos outros recursos já mencionados, como por exemplo a expressão usada por Paulo em Efésios: anakephalaiósasthai. Aparece uma única vez no Novo Testamento, ou seja, em Ef 1.10. A ARA usa o vocábulo “convergir” atrelado ao verbo “fazer”, para interpretar a expressão, mas a expressão se classifica como: verbo infinitivo aoristo médio, pode ser composta da preposição aná, para cima, mais kephalê, cabeça, neste caso significa chefia, soberania. Pode também originar do verbo anakephalaio (de kephalaion). Daí: recapitulo, reúno, faço convergir, etc. Parece aqui ser referir ao domínio soberano de Cristo sobre todas as coisas na consumação dos séculos.

Comparando a expressão com termos, “situações” ou expressões parecidas usadas pelo mesmo autor noutras passagens do mesmo livro, chega-se à conclusão de que Paulo quer enfatizar que tudo será posto debaixo do governo ou soberania de Cristo, ou seja, que ele será posto por cabeça do universo (cf., Ef 1,22; 4,15; 5,23). Também se podem conferir

outros escritos paulinos e ver que o pensamento ou a idéia é corrente em seus escritos (cf., Cl 1,18; 2 10,19; comp. com Fp 2, 6-11).

Há casos em que o radical tem duas ou mais significações: nestes casos, o contexto será o guia principal - Exemplo: *vdq* – raiz do vocábulo santo (Lv. 10.10; Is. 6.3); consagração, santidade, qualidade de sagrado (Êx. 29.21; 37.30,39; Lv. 6.18); prostituto cultural (Dt. 23.18; 2Rs. 23.7). Ainda pode ser nome próprio *vd,q,,* Quédes (nome de uma cidade). Neste caso, só o conhecimento da língua original irá eliminar o problema. É, também, necessário conhecer o uso da acentuação massorética para distinguir-se o sentido de termos.

Há muitas palavras cujo uso é técnico: portanto têm um sentido especial, portanto, não poderemos dar-lhes o sentido que quisermos de acordo com os nossos preconceitos. Ex: *tyrIB*. - hebreu *berith* = aliança, pacto.

Há palavras que não foram traduzidas, mas, transliteradas: A não tradução de algumas palavras, mas, sua simples transliteração, ou seja, a leitura e representação dos sons consonantais e vocálicos, por símbolos correspondentes, em alguns caso pode criar certa dificuldade na interpretação como.

8.3. O Sentido da Idéia do Escritor

Somente o sentido das palavras da frase não nos dá o pensamento do escritor. É preciso conhecer o propósito do autor, a forma e ordem de sua argumentação, as idéias que ele combate e as que ele expõe, as palavras em que ele dá ênfase, e aquelas que ele emprega em sentido literal ou figurado. Tudo podemos saber pelas regras de interpretação.

8.4. O Propósito ou Intenção do Autor

- É necessário determinar o propósito para se saber o sentido do texto: Sem conhecer o propósito que o autor tem em mira será difícil conhecer o sentido real do texto, pois, o propósito do autor o inclina, nesta ou naquela direção, para esta ou aquela doutrina, para este ou aquele fato.
- O propósito pode ser geral ou especial: Geral - quando se refere ao todo do livro. Especial - quando se refere a uma determinada parte.

Como determinar o propósito?

- Às vezes, o autor declara o propósito geral que tem em vista: Ex: Gn. 1.1-3; Pv 1.1-4; Ec 1.1,2; Também o fim especial de alguns textos é, às vezes, declarado pelo autor. Ex: Is 1.18-20; (dá o propósito do texto precedente). Jr 13.1-7 (neste caso o feito do profeta por ordem do Senhor vai lhe dar suporte para mensagem procedente).
- Conhecimento das circunstâncias: históricas em que o autor escreveu ou viveu, Ex: Am 1.1-4. É preciso conhecer o fato histórico relacionado à época em que foi escrito o livro, as circunstâncias, o local ou ainda alguma particularidade sobre o autor, etc. Nos dias contemporâneos à palavra de Amós houve dois fenômenos um terremoto e uma seca; os quais ele tratou de relacionar com o juízo divino: "As palavras de Amós..." "...nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto. Disse ele: O Senhor brama de Sião, e de Jerusalém faz ouvir a sua voz; os prados dos pastores lamentam, seca-se o cume do Carmelo". - Ele profetizou no Reino do Norte nos dias Uzias (765-750 a.C.), rei de Judá (Reino do Sul), Jeroboão II e de Joás (reis do Reino do Norte) e era Azael o rei da Síria: "As palavras de Amós..." "nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel..." "... Por isso porei fogo à casa de Hazeel, e ele consumirá os palácios de Bene-Hadade..." - Também foi

contemporâneo de Isaías (vide Is 1.1). Amós era pastor em Tecoa (cidadezinha a oito quilômetros ao sul de Belém, provavelmente, tribo de Judá): “As palavras de Amós, que estava entre os pastores de Tecoa”. Amós não se considerava profeta, não era homem da elite judaica, mais um plebeu, além da profissão de pastor ele catava (ou cultivava) sicômoros, ocupação não muito honrosa naqueles dias, o que denota que ele era um homem, pobre, de condição humilde: “E respondeu Amós, e disse a Amazias: Eu não sou profeta, nem filho de profeta, mas boieiro, e cultivador de sicômoros” (Am 7.14). Vemos por este ligeiro apanhado, que quase todas as informações se achavam no próprio texto. É claro quem nem sempre será assim, mais, na maioria das vezes o próprio texto bíblico nos fornecerá tais informações.

- O melhor é ler o livro todo sem se levantar. Alguns livros podem ser lidos de uma vez, sem parar para ver minúcias. Malaquias, Cantares, Rute, etc. Tal leitura nos levará a ter uma visão panorâmica da história, poesia ou profecia. Rute, por exemplo, fala da conversão de uma moabita a YHWH quando, o Seu próprio povo, estava sofrendo por consequência de sua infidelidade.

8.5. O Estilo Literário do Texto

É preciso conhecer o estilo literário do texto. Como apresentamos em seguida, há vários estilos na Bíblia:

A. Conto. É uma expressão de vivência fundamental da humanidade. Nele aparecem os velhos anseios e os temores humanos. O conto é diferente de uma parábola, pois, é a narrativa de um fato verídico, revestido, geralmente de uma certa mística; não é mero conteúdo da fantasia. Exemplo disto é a panela da farinha e a botija de azeite (I Reis 17:7-16; II Reis 4:1-7), a jumenta de Balaão (Nm 22:22-35), os corvos que alimentam o profeta Elias (I Reis 17:1-6), etc.

B. Epopéia. Alguns autores gostam de usar o termo novela. Parece-se com a saga é parente do conto. Ela é uma narração artística de maior envergadura, com uma estrutura engenhosa de cenas. As narrativas devem ser consideradas histórias como a de José e seus irmãos no Egito (Gen 37:39-48; 50). A mulher de Potifar (Gen 39), o livro de Jó. A história da Davi e Golias (I Sm 17).

C. Mito. Entenda-se a palavra mito, não no mesmo sentido do seu uso comum ou profano. O mito é uma narrativa que tem Deuses e anjos ou coisas sobrenaturais como personagens. Como por exemplo, Gn caps. 1, 2, “O Mito da Criação” 6:1-4; que fala dos gigantes que vieram da união dos “filhos de Deus” com “as filhas dos homens”, O Mito do Dilúvio em Gn. 6:5-9; 17. Toda narrativa da “pré-história” de todas as coisas ou dos primórdios Gn 1-11, etc.

D. Saga. Se distingue do mito e do conto por ser mais histórico. A saga é a precursora da história e da historiografia moderna, ela quer relatar um fato verídico. A saga divide-se em: Histórica ou heróica. A passagem pelo mar em Ex. 14. As sagas de Josué e dos juizes, as histórias de Saul, Davi e Jônatas, Gideão. As sagas tribais como o relato de Abel e Caim em Gn. 4, a história de Hagar em Gn. 16:4-14. A saga cultural fala do início do culto, do rito, como o rito da circuncisão em Ex 4:24-26, o censo de Davi em II Samuel. 24 (culto em Jerusalém Betel, etc.). A saga local explica o surgimento de um local, como a Torre de Babel em Gn 11:1-9, Sodoma e Gomorra, etc.

E. Texto Jurídico. É outra forma importante no Antigo Testamento. Diferente das narrativas, prosas ou poesias. São textos importantes, como: o relato do direito israelita, o decálogo, o livro do pacto, o código de santidade, a lei do sacrifício de holocausto, as cerimônias purificadoras, etc.

F. Poesia. A literatura hebraica é rica em poesia. O estilo poético se faz sentir desde o Gênesis, passa pelos profetas e encontra sua maior expressão nos livros propriamente chamados de poéticos como: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. O fato de um texto ser escrito no estilo poético não significa que a matéria apresentada no texto não seja verossímil. Contudo há uma linguagem figurada na poesia, e não se pode interpretar poesia como texto histórico ou doutrinário.

G. Profecia. Dentro do estilo profético temos narrativas históricas, poesia e a chamada linguagem apocalíptica. O estilo apocalíptico é encontrado com fartura em Daniel, Isaías, Ezequiel, Zacarias, etc.

H. História. Os livros históricos são narrativos, são reconhecidamente históricos. Josué, Juízes, Rute I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, etc.

I. Cânon Hebreu. É bom observar que os Judeus não fazem a mesma divisão do cânon que nós fazemos, pois dividem o Antigo Testamento com a seguinte nomenclatura: hrwt ymwh hvmh Hamesh Hamishy.

- **Thorah** - Os cinco livros da lei: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.
- **Nebhiim Rishonim** - Primeiros profetas: Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis.
- **Neviim Aharonim**: Profetas posteriores - Isaías, Jeremias, Ezequiel, Hoséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.
- **Ketuvim** - Escritos: Salmos, provérbios, Jó, Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, I e II Crônicas.

Vemos por exemplo, que são relacionados como proféticos Josué, Juízes, Samuel e Reis, que para nós, contam como livros históricos, ao passo, que Daniel, para nós profético, encontra-se relacionado entre os escritos e, que também encontramos relacionados entre os escritos os livros poéticos.

Os Judeus consideram a Lei, A Torá, mais importante que os escritos e proféticos, ao passo que o cristianismo tem a Escritura com um todo de vital importância, contudo, na prática, é o Novo Testamento o texto mais utilizado, pois, nele se encontram de forma clara e objetiva as doutrinas do cristianismo.

9 - O CONHECIMENTO DO CONTEXTO

Do latim: Contextus significa literalmente tecer, fazer uma tela. É o texto, o que vem junto do texto, antes (pré-texto) ou depois (pós-texto). O conhecimento do contexto nos dá a forma ou o modo de o autor conseguir seu objetivo.

A. O interprete deve sempre conhecer o contexto: Para saber a significação dos textos especiais, bem como o sentido geral da passagem. Para conhecer o contexto o exegeta precisa conhecer o pré-texto e pós-texto, ou seja; aquilo que vem antes e o que vem depois do texto a ser analisado. Ambos devem ser consultados. O que nos deve orientar é a unidade do assunto e não a divisão em capítulos e versículos.

B. Capítulos e versículos: Não podemos nos deixar orientar por essas divisões porque elas não fazem parte o texto sagrado original. Foram feitas posteriormente e são arbitrárias. A divisão em capítulos foi feita por Stephan Langrom, no século XIII. A divisão em versículos foi feita por Robert Stephen, no século XVI. Há muitos erros nessas divisões.

Deve-se contudo observar, que o massoreta, desde o quinto século da era cristã já havia trabalhado sobre o texto do AT, o seu Tanak, elaborando, juntamente com a acentuação massorética, uma divisão lógica do texto e a fragmentação do mesmo em

parashoth (perícopes) e sedariym (leituras), bem como a sua fragmentação lógica, facilitando assim, no respeito ao AT, o trabalho de seus citados sucessores.

C. Em alguns livros da Bíblia há dificuldade para se delimitar o contexto: Por exemplo, o Livro de Provérbios.

Os versos se subordinam a um assunto geral, mas não se relacionam entre si. Em Eclesiastes as transições de um assunto para o outro são rápidas, e por isso, é difícil percebê-las e explicá-las.

D. Considerações sobre alguns textos:

- Salmo 14:1: A expressão “não há Deus” deve vir sempre acompanhada do contexto: “diz o néscio no seu coração”.
- Gênesis 9.4: “Carne, porém, com a sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis”. Os Russelitas, baseados neste texto, citado isoladamente, confundem o sangue (dam), com (néphsh) alma. E com isso criam um sério problema, pois baseados nesta heresia, negam ao moribundo uma transfusão de sangue.

E. Texto por pretexto: Muitos pregadores tomam o texto por pretexto, e expõem unicamente as suas idéias. As interpretações são arbitrárias e fantasiosas. Não há necessidade de se fazer isto, pois as Escrituras interpretadas legitimamente satisfazem as necessidades de todos, em todas as circunstâncias.

F. As afirmações citadas fora de seu contexto: Podem numa polêmica, trazer grandes dificuldades. Ex. O fundador do Adventismo do Sétimo Dia, baseando-se numa declaração isolada da escrita veterotestamentária, criou uma seita herética.

10 - PARALELISMOS BÍBLICO

São passagens que não estão no contexto: Estão relacionadas com o texto. Podemos usá-las porque admitimos a unidade das Escrituras. A unidade do conteúdo provém do autor divino, que é o Espírito Santo, I Co. 2:13. O melhor intérprete da Bíblia é a própria Bíblia. Um comentário inteiramente bíblico não faz comentário, apenas mostra as passagens paralelas.

Os paralelismos são divididos em: Verbais (quando são empregadas as mesmas palavras ou frases) e Reais (quando o mesmo pensamento é expresso ou discutido).

- Os paralelismos verbais facilitam a interpretação: certas frases ou palavras podem ser melhor entendidas a partir desta observação; ex.: Gn. 49:6. Passagens paralelas Sl. 7:5 e 57:8. Notar as expressões: minha glória e minha alma.
- Os paralelismos reais se subdividem: em Doutriniais (quando a mesma verdade é ensinada) e Históricos (quando o mesmo acontecimento ou série de acontecimentos são registrados, Ex: I Crônicas e II Crônicas com I Reis e II Reis).

A. Paralelismos doutriniais: A Bíblia é um grande sistema harmonioso da verdade. Cada autor deseja ser coerente. Assim para elucidação da verdade devemos procurar paralelismos primeiramente no mesmo livro. Em segundo lugar procuramos noutro livro do mesmo autor. Em terceiro lugar procuramos textos paralelos em autores que têm afinidades - Ex: Isaías e Jeremias no A.T. Paulo e João no N.T. Em quarto, vamos ver autores que pertencem ao mesmo período, e que foram guiados pelas mesmas regras de fé e costumes. Temos então os profetas Isaías, Oséias, Joel, Amós e Miquéias, todos do mesmo século. Em menor grau temos: Jeremias, Ezequiel e os demais profetas que são de um período mais recente. O mesmo acontece com os autores do N.T. são todos do mesmo século.

B. Há textos mais claros que explicam os mais obscuros: Os textos breves são explicados pelas expressões mais amplas - Ex: Lc 14.26 com Mt 10:37; Gn 22.1 com Tg 1.13; Jo. 10:8 com 8.39-40,56; com 5.45,46 e com Jo 12.38-41.

C. Paralelismos históricos: Ocupam lugar importante na interpretação do A.T. e do N.T. Temos duas narrativas paralelas, na história dos Judeus. Nos livros de Samuel e Reis e depois nos livros das Crônicas. No N.T., temos os quatro Evangelhos que são narrativas paralelas, os evangelhos sinópticos (os três Primeiros) da vida de Jesus. Há outras narrativas paralelas mais breves: Guerra de Senaqueribe contra Ezequias e doença de Ezequias - Isaías 36-39; 2 Reis 18:13-37 e caps. 19 e 20; 2 Cr. 32. A conversão de Saulo At. 9:1-22; 22:1-21; 26:1-20. Temos melhor compreensão dos acontecimentos quando comparamos os paralelismos.

D. Outros tipos de paralelismos: Há outros tipos de paralelismos, que estão mais relacionados com própria estrutura da língua hebraica como segue:

- **Sinonímia:** repetir o mesmo pensamento, com palavras ou expressões semelhantes; exemplo: "Render-te-ei graças entre os povos, os Senhor! Cantar-te-ei louvores entre as nações". Sl 108.3).
- **Antítese:** é o contraste de pensamentos ou uma comparação; exemplo: "O preguiçoso deseja e nada tem, mas a alma do diligente se farta." Aqui temos antítese caracterizada nos adjetivos: preguiçoso x diligente e, por extensão no pensamento apresentado por cada frase, como no resultado da postura de cada um.
- **Síntese:** sintetiza uma idéia ou pensamento, ou mesmo um assunto, a síntese pode ser progressiva, ou seja, o autor vai desenvolvendo de forma mais prolongada o pensamento exposto na síntese inicial. Geralmente, na progressão sintética, ocorre a sinonímia; exemplo: Provérbios cap.1.10-19. Temos uma síntese de pensamento no verso 10, uma progressão a partir do verso 11 e a síntese final nos versos 18 e 19.
- **Quiasmo:** disposição cruzada da ordem das partes simétricas de duas frases, de modo que formem uma antítese ou um paralelo. Tal prática é de uso freqüente na poesia hebraica; exemplo: "firme esta o meu coração, ó Deus, o meu coração está firme; cantarei e entoarei louvores". (Sl 57.7);

Esse estilo antigo também influenciou os escritores do Novo Testamento. Quando ocorre no contexto neotestamentário denominam-se, geralmente, como hebraísmos (cf., Lc 1.46-55). Verificaremos na prática exegética essas particularidades escriturísticas. Vemos aí parte da riqueza e beleza literária das Escrituras Sagradas.

E. Dificuldades: Os paralelismos trazem também dificuldades, que exigem para sua solução uma visão compreensiva da inspiração da Bíblia. O Espírito Santo inspirou os escritores, mas deixou cada um exprimir-se na linguagem e no modo que lhe era peculiar. Daí é que surgem as dificuldades. Cada escritor se impressiona com um aspecto do acontecimento. Cada um tem uma narrativa verdadeira, mas não completa. Compare, por exemplo, as narrativas da tempestade no Mar da Galiléia - Mt 8.25 a 26 Mc. 4.38-40 e Lc. 8.24-25.

11 - ELABORAÇÃO DA EXEGESE

Sendo a exegese, também, um trabalho monográfico, deverá seguir, em sua elaboração, as diretrizes traçadas para qualquer monografia científica. É claro que se poderão e deverão fazer as necessárias adaptações ao caso específico da exegese, sobretudo em se tratando da exegese bíblica, que poderá ser feita de acordo com as etapas gerais mencionadas a seguir:

A. Pesquisa e Documentação. A primeira fonte de pesquisa, no caso da exegese bíblica, está nas diferentes cópias do original. Quando a variação entre manuscritos compromete a coerência interna da mensagem, deverá o exegeta, nesse caso, lançar-se ao trabalho de pesquisa, não só quanto à evidência externa, de acordo com os princípios indicados por Joseph Angus nos seguintes itens:

- De duas variantes, igualmente sustentadas pela confirmação externa, a mais provável é a que melhor se adapte ao sentido.
- De duas variantes, uma fácil e outra difícil, deve esta última ser preferida.
- De duas variantes, uma clássica (influência helênica) e outra oriental, esta provavelmente é a melhor.
- De duas variantes, igualmente sustentadas, deve-se preferir aquela que melhor concorde com o estilo do autor.

B. Diferentes Traduções. Outra fonte de pesquisa, no caso específico da exegese bíblica, é constituída pelas diferentes traduções da Bíblia; todavia poderá o exegeta limitar-se às principais traduções, preferindo aquelas que forem feitas diretamente das línguas originais (A BLH, Bíblia na Linguagem de Hoje, por exemplo, é paráfrase, não deve ser considerada pelo cientista como fonte de pesquisa final exegetica).

C. A Melhor Tradução. O exegeta em seu trabalho deve indicar a tradução que for a melhor para o texto em estudo, justificando, naturalmente, sua indicação, podendo, colocar no seu trabalho, a seguinte sequência: a) texto original; b) sua tradução interlinear do texto; c) a versão que considerar melhor para o cada trecho do texto. No caso do texto hebraico (prosa e alta prosa), poderá se iniciar com uma metrificação do texto, o que dá beleza à forma do trabalho. Não é necessário nem conveniente transcrever na exegese os textos de todas as traduções consultadas, uma vez que tal procedimento, além de não contribuir eficazmente para o entendimento da mensagem exegetica, pode ainda confundir o leitor.

D. Quando o exegeta usar os textos originais, deverá transliterar os termos ou vocábulos para facilitar a leitura de seu trabalho, tornando-o acessível ao leigo.

E. Ordem das Fontes Consultadas: Deve o exegeta ter o cuidado na elaboração da pesquisa exegetica de obedecer um critério de consulta segundo a importância das fontes de pesquisa. Obviamente, umas fontes são mais importantes que outras. Procuramos abaixo listar as fontes de pesquisa, segundo a sua ordem de importância:

- Bíblia em textos originais;
- Versões em vernáculo do texto canônico;
- Textos deuterocanônicos;
- Textos pseudo epígrafos;
- Léxicos em língua original;
- Textos analítico-morfológicos;
- Dicionários etimológicos;
- Dicionários bíblicos;
- Dicionários teológicos;
- Comentários Exegéticos;
- Comentários hermenêuticos;
- Compêndios Teológicos;
- Textos profanos. (Entenda-se profano no sentido de não bíblico ou, não voltado diretamente para as Escrituras.)

IMPORTANTE! Tomar cuidado com os comentários exegéticos e teológicos, pois o texto pode ser tendencioso (o melhor é usar estes recursos só caso de necessidade e nunca se limitar a um único comentarista.). O bom é primeiro fazer o todo o trabalho de pesquisa, para depois, aferi-lo por meio dos comentários, para não ficar influenciado por preconceitos.

F. Fichamento da Pesquisa. A documentação de pesquisa é a transcrição em fichas dos elementos importantes que o pesquisador vai descobrindo em sua leitura. Dependendo da importância do trecho, a transcrição pode ser ao pé da letra, colocando-se tudo entre aspas, ou como síntese das idéias contidas no texto, dispensando-se assim as aspas. Em ambos os casos, porém, a transcrição será feita com a citação da fonte. A ficha deve trazer o título da matéria nela registrada, para efeito de classificação. E para facilitar a distribuição da matéria, sobretudo no momento de fazer a esquematização. É aconselhável usar somente um lado da ficha e numerá-las seqüencialmente.

G. Esquematização. A Exegese, como trabalho monográfico, deve constar de três partes essenciais: introdução, exposição e conclusão. A introdução devera fazer o levantamento de um problema, salientando a sua importância, com a formulação de uma pergunta bem definida e clara. Para ser apropriada e conveniente ao corpo do trabalho, é sempre a última a ser redigida. É a primeira na ordem de apresentação, porém, a última na ordem da elaboração. Quanto à exposição, ela constitui a essência do trabalho propriamente dito, não pode ser pré-determinada ou estabelecida, imediatamente após a escolha do texto problema. Somente após a documentação da pesquisa é que se vai fazer o agrupamento das fichas, conforme o conteúdo nelas indicado pelos seus títulos, de onde surgirá, de modo natural o corpo do trabalho com sua divisão, sua titulação e sua ordenação. A exposição, pois, é a concatenação dos argumentos, para fundamentação da questão a ser provocada. A conclusão deve ser uma síntese da exposição; não deve ocupar muito espaço, mas, deve evidenciar o ponto de contextualização e enfatizar a resposta ao problema levantado na introdução.

H. Redação. Na redação de uma exegese bíblica, bem como em qualquer trabalho monográfico, impõe-se um estilo sóbrio e preciso, importando mais a clareza do que qualquer outra característica estilística. A terminologia técnica só será usada na medida estritamente necessária ou em trabalhos de especializado nível em que ela já se tornou terminologia básica. De qualquer modo, é preciso que o leitor entenda o raciocínio e as idéias do autor sem ser impedido por uma linguagem hermética ou esotérica. Igualmente deve ser evitada a pomposidade pretensiosa, ou verbalismo vazio, as fórmulas feitas e a linguagem sentimental. Em fim, simplicidade no estilo, precisão na linguagem e objetividade nos argumentos, devem ser as marcas de um trabalho monográfico.

A monografia exegética como toda monografia deve possuir uma conclusão. A conclusão é o fechamento do trabalho, portanto, não deve conter material novo, mas deve ser apresentada em forma de solução. Os problemas levantados ao longo da exegese terão sido resolvidos, portanto, de forma resumida o exegeta deve apresentar o resultado final de sua tarefa exegética. Deve apresentar a solução do problema e a realidade prática desta mesma solução, ou seja, a contextualização final do problema apresentado, investigado e provado pelo ferramental exegético.

12 - CONCLUSÃO

A título de conclusão queremos dizer, que o que temos exposto até aqui, constitui apenas a base, ou fundamento rudimentar da exegese. O trabalho exegético em si é complexo e requer muita dedicação e boa vontade por parte daquele que deseja encetar uma feitura exegética. Em linhas gerais, o acima exposto, inclusive os exemplos em apêndice, tem por fim, orientar o estudioso a que procure praticar a leitura científica do texto bíblico com o fito de conhecê-lo de forma mais abrangente, buscando dirimir as suas limitações enquanto estudante das Sagradas Letras.

Em sequência a esse estudo, dever-se-á desenvolver um trabalho prático de exegese, com análise de textos originais, comentário exegético, trabalho de pesquisa e fichamento do material coletado. Procurando, ao longo do desenvolvimento exegético, o aprendiz, colocar em prática as técnicas apreendidas, na medida das suas potencialidades, pois, cada estudioso, obviamente lida com as suas limitações. É importante, contudo, em se tratando do estudo da Escritura, que o estudioso tenha a consciência de haver, mesmo, honestamente, esgotado todos os seus limites; por isso mesmo, a feitura exegética, verificar-se-á, “exaustiva” e laboriosa, porém, extremamente gratificante.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
WEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento. 5ª EDIÇÃO. São Paulo: SINODAL, 1998.